

# **A Medida do Possível**

**Eliane Ganem**

*A Medida do Possível*

*Ecos*

*Um Certo Tipo Comum*

*O Convidado*

*O Espelho*

*Consolo*

*Desejo*

## A Medida do Possível

Era uma caixa pequena. Nem bem de fósforos, quase de sapato. De tamanho indefinido, apenas com os mesmos quatro cantos de uma caixa. Nem funda, nem rasa, um palmo e meio de altura de uma mão pequena. Mão é coisa que não se mede, mas serve de medida. Uma medida que varia de acordo com a abertura do polegar. Polegar é outra coisa interessante. Pode-se chamar de coisa a polegada de um nariz. Mas nariz não é coisa que se meça. Serva pra espirrar, assoar, cheirar e meter onde não é chamado.

Foi assim que Capi entrou na caixa. Pelo nariz.\*<sup>1</sup> Primeiro, meia polegada de um polegar bem pequeno, depois mais um quarto de polegar bem grande. Meteu a testa, o cotovelo, quando se preparava pro salto final, parou. Olhou pro mundo, pensou na borda ainda da pequena caixa, pensou e achou melhor levar junto uma agulha de tricô. Não queria se despedir assim de vez, mas aos poucos. Era só fazer uns furos na caixa com a agulha, pra poder respirar, é claro, e pra poder enxergar o espaço aberto do lado de fora sempre que quisesse.

Encolhido, puxou a tampa. Então se recostou como melhor pôde. Os joelhos dobrados, meio de lado, encostados à testa, o nariz entre as pernas e dormiu. Como a mão incomodava, uma delas levou à boca, polegar chupado, a outra dobrou no peito em sinal de cruz.

Já era antigo nessa idade. Tanto anos tinham se passado até Capi tomar coragem. Sempre a mesma idade, de um menino que podia ter seus cinco, seus dez, ou até mesmo quarenta, já que era um menino. Muitas vidas tinha levado nesta mesma idade. Muitas vidas. E de cada vida tinha sobrado um pedaço de Capi. Nem sempre o melhor pedaço, mas um pedaço fácil de medir. Da primeira vida, sobraram os braços. Braços fortes que ele tinha descoberto que podia aplicar um belo soco, uma espécie de soco direto, difícil de abrir mão. Da segunda vida lhe sobraram os olhos, que podia cuspir chispas de raio laser em qualquer direção. Da terceira vida lhe sobraram as pernas, que ao ar ele agredia sem perdão. Da quarta vida lhe sobrou o sexo, que ele usava tipo machão.

O soco media uma bala de canhão, os olhos a medida de um raio fulminante, as pernas pequenas e ágeis metralhadoras, o sexo, uma espécie de cassetete da polícia militar. Um homão, sem medidas nem tamanho.

---

<sup>1</sup> \* Não se acentuam oxítonas terminadas em ui!!!!. Por isso Capi é Capí não só pra rimar com nariz, mas também com corredeira e agulha de tricô.

E assim foi indo Capi pelas vidas. Tudo estaria perfeito se não fosse sua oitava vida. Sem Capi saber porque, sem querer, num belo dia de nuvens pardas e cinzentas, um pedaço dele congelou. Virou gelo. Gelo de gente é diferente de gelo de natureza. Gelou um pedacinho, o resto fica gelado de medo. Foi então que Capi conheceu o medo. E quanto mais medo ele sentia, mais gelado ele sentia em todos os pedaços dele.

Tentou então com todas as forças que ainda tinha voltar pra sua quinta vida onde lhe tinha sobrado a paixão. Nada. Na sexta vida procurou a solidão e se trancou no quarto. Nada. Na sétima vida tentou a ilusão. Fingiu que era o super-homem disfarçado de macaco. Nada. O gelo fininho agora se apoderava dele todo.

Com muito medo de sentir aquele medo todo, experimentou ficar triste. Chorava pelos cantos uma imensidão sem tamanho. Procurava os amigos, até os inimigos, tentando reconstruir as suas primeiras vidas e só conseguiu um olho roxo e muita frustração.

O medo de ter medo foi modificando, lentamente, devagarinho, dominando o juízo de Capi. Enloucou, coitado, que é um jeito simples de dizer que enlouqueceu pra ele. Pros outros, não, parecia até mais ajuizado. Já conseguia até medir as palavras pra não dizer palavrão.

Mas aí Capi foi enloucando, remoendo o gelo, triturando. Quanto mais gelo remoía, mas gelo aparecia dentro dele. Fez uma fogueira na área de serviço e ficou bem perto pra ver se derretia. Lá pelas tantas teve mais medo de derreter ele todo e só sobrar o gelo, que enloucou total. O telefone tocou nesse exato instante. Capi atendeu meio que escondido atrás da cortina, com medo de molhar o tapete. Era a Cristina. Que tal um banho de mar? - convidou. Capi teve medo de aceitar, mas teve medo de recusar e desconversou. Foi desconversando e enrolando distraído o dedo no fio do abajur, desconversando e enrolando, desconversando e enrolando, até que o fio partiu e ele tomou um choque. Gritou tão apavorado, que Cristina desligou. Passou então e pegou Capi, enrolado na toalha mesmo, pro meio do mar o sol. Antes não tivesse acontecido, antes Cris não tivesse existido, antes Capi não tivesse gritado. Capi já não era Capi, já não era mais nada. Era caranguejo branco de praia, era areia, era mar. Tinha virado bola, jogado por mãos estranhas. Mãos que nem eram dele, mas que pareciam com as dele. Tal qual areia movediça, Capi afundou. Os que olhavam, nada percebiam, mas Capi sabia que tinha virado espuma de mar. Duro que nem pedra, foi levado pro Pronto Socorro. Lá deram ele como morto e botaram na geladeira pro reconhecimento do corpo.

A história de Capi teria terminado aqui se não tivesse faltado luz. Tal qual filme de terror, nessa noite a geladeira 38 se abriu - Uááááá. De lá pulou Capi, ainda duro, enrijecido, mas com um leve sopro de vida que movimentava seu dedo mindinho, aquele

menorzinho do pé. Foi esse dedo que levou Capi dali, praquilo que ele chamava de casa.

No caminho comprou um sapato e botou na conta. Podia andar de toalha enrolada, mas sem sapato, tantos quilômetros e caminhos até a casa, não agüentaria. Mais que do sapato, gostou da caixa. Olhou a caixa como primeira caixa que via. Apalpou, mediu, olhou seu corpo, achou que dava. Corria pela rua, tão ansioso estava, e nem cumprimentou o porteiro desmaiado. Todos achavam que Capi tinha morrido, inclusive ele mesmo. Achou que no lugar do caixão, bem poderia ser aquela caixa. Por que não? Aliás, não era uma caixa comum. Era azul e tinha umas florzinhas roxas salpicadas. Caixa com flores de enterro, melhor do que se tivesse encomendado.

Chegou em casa, tirou a toalha, olhou seu corpo no espelho. Não reconheceu. Parecia miúdo demais. Foi dobrando aquilo que chamavam de pernas, ajoelhou. De palmo em palmo mediu o corpo, mediu a caixa. Com certo esforço, encolhido o medo que o dilatava, é claro que cabia. Foi então que mediu o nariz pra dentro da caixa e pulou com a agulha de tricô. Logo depois que acordou, tentou espichar o corpo. Não lembrou do espaço, mas do medo do corpo espichado, aquele gelo gelado do pontão do pé ao menor fio de cabelo. Continuou encolhido, olhando o escuro, a tampa tampada. Fez um furinho fininho com a agulha de tricô. Olhou. Do lado de fora, nada. Certamente alguém tinha vindo, esvaziado o apartamento, dado Capi por morto. A mãe, talvez, o pai. Será que tinham chorado? - os olhos de Capi se encheram d'água. Fez mais dois furinhos pros dois buracos do nariz e ali ficou. Tanto tempo, sem comer, sem dormir, só espiando, até que Cris chegou. Olhou pelo buraquinho. Oi, Capi! Trouxe um suco pra você. Peraí, vou enfiar o canudinho. Será que ela não ia reclamar, estranhar, enlouquecer? - pensou Capi chupando o canudinho. Se sentiu melhor. O suco gelado esquentava dentro dele. Pelo buraquinho, Capi viu que metade do olho da Cris chorava uma lágrima bonita, parecia um espelho. Na lágrima ele viu a caixa cheia de furinhos. Viu o tamanho de cada furinho e achou pequeno demais pra enfiar o dedo.

Cris sempre vinha e alimentava ele. Dormia. Capi dormia, já nem sabia se era dia ou século o tempo que Cris levava pra enfiar o canudinho. Os cabelos cresciam, imensos, tomavam conta da caixa enrolados sobre ele. Foi então que começou a arrancar os fios. Primeiro um, ai, como doía, depois uns tantos até que acostumou. Achou melhor tecer com eles alguma coisa na agulha de tricô. Escorregava. Passou cuspe no cabelo, depois catarro do tempo que fumava, e sentiu saudades do cigarro. Ia pedir pra Cris uns cinqüenta maços. Sem cigarro a caixa ia ficar cada vez mais apertada. Conseguiu trançar a primeira fieira de cabelos engomados. Tricotava como se fosse crochê. Foi fazendo, sem saber direito a forma que tomava. Primeiro um laço, uma

laçada, depois uma borboleta aparecia assim trançada. Nem bem acabou e olhou horrorizado. Tinha tricotado uma aranha cabeluda, preta, caranguejeira, venenosa, que pulava acima dele. Quis gritar, mas o som saiu pra dentro ecoando um soluço rouco nele mesmo. A aranha olhava, faminta, rastejante espichava as patas com preguiça, cavernosíssima. Abriu a boca sanguinária. Capi fechou os olhos, nada podia. Sentiu cócegas no nariz e olhou pela fresta de uma das pestanas, era ela que por cima de seu rosto, patadas andava. Tremia. Todo o seu minúsculo corpo. Como poderia espantar o nojo pavor que ela lhe provocava? Seu braço em sinal de cruz tentou. Já não mexia corroído pelos gases, tanta cãibra ele sentia. Espantar com o outro braço, o que havia fincado a agulha no buraco e tricotado aquela coisa imunda. Mas se soltasse, a agulha despencava, despencava pro fundo a aranha negra, pro fundo do mais fundo da caixa. Aí então ele nada mais poderia. Esperava. Tantas cócegas agora ela fazia, que Capi espirrou. A aranha voou certa e pousou desajeitada no dedão maior do seu pé esquerdo. E agora, José. No dedão, não. A única coisa que Capi lembrou foi do dedo mindinho, o único que tinha sobrado do seu pavor. Nem bem pensou e nhaque, a aranha lhe mordeu o dedo. Que puta dor. Morreu seu dedão naquele instante, impregnado de veneno. Foi quando, sem querer, reflexo da dor, Capi soltou a agulha. A aranha despencou então pro fundo do mais fundo da caixa e ali ficou.

Morto o dedão, Capi pouco conseguia se mexer. Acendeu o isqueiro, queria ver, tentar achar o inseto imundo no fundo. Apalpava. Estranho, o braço que antes tricotava agora acenava no ar abaixo dele. Cadê o fundo? Não havia fundo ou levitava na caixa, seu corpo leve feito bola inchada. Desceu o isqueiro pela mão. Até um certo ponto, iluminava. As paredes projetavam sombras ensopadas de escuridão. Nada mais havia onde os olhos já não alcançavam. Se grito pudesse dar, aquele seria aterrador. Os olhos invasados de luz nada enxergavam para além de um polegar de médio tamanho logo após o isqueiro.

O corpo que havia invertido, de barriga pra cima agora estava. Parecia aconchegante mesmo assim sem fundo, pelo menos a aranha havia sucumbido na estrada. Levitava então? Pensou muito tempo em como poderia seu corpo, matéria própria, apoiar em algo inexistente. Encontrou um monte de respostas, todas com uma explicação. Ponderou, bocejou e resolveu dormir.